

DO ÓDIO NASCE A CORAGEM: A DINÂMICA DO MASSACRE COMO VINGANÇA¹

Emanuel Pacheco de Souza² 

Resumo: Este estudo explora um massacre de uma aldeia Gamela ocorrido nos anos 1920 em Penalva/MA. O massacre dos Gamelas está registrado em “Terra Queimada”, livro de memórias de Bento Mendes, primo do autor do massacre. Além do massacre o livro revela um rico panorama da vida nos sertões maranhenses na primeira metade do século XX. Estes demais aspectos são úteis para compreender o massacre na medida em que descortinam o pano de fundo cultural para que as noções de vingança, honra e justiça sirvam como mecanismo analítico. O conceito de Fronteira fornece a moldura mais ampla para a compreensão do massacre.

Palavras-chave: Memória. Massacre. Indígenas. Sociologia da Vingança. Sertões.

FROM HATE IS BORN THE COURAGE: THE DYNAMICS OF THE MASSACRE AS REVENGE

Abstract: This study explores a massacre of a Gamela village that occurred in the 1920s in Penalva/MA. The Massacre of the Gamelas is documented in "Terra Queimada", a memoir by Bento Mendes, cousin of the author of the massacre. In addition to the massacre, the book reveals a rich overview of life in Maranhão's "Sertões" in the first half of the 20th century. The Frontier concept provides the broadest framework for understanding the massacre.

Keywords: Memory; Massacre; Indigenous Peoples; Sociology of Revenge; Sertões.

DEL ODIO NACE EL CORAJE: LA DINÁMICA DE LA MASACRE COMO VENGANZA

Resumen: Este estudio explora una masacre en una aldea Gamela, que ocurrió en la década de 1920 en Penalva/MA/Brasil. La masacre de Gamelas está registrada en *Terra Queimada*, un libro de memorias de Bento Mendes, primo del responsable por la masacre. Además de la masacre, el libro revela una rica visión de la vida en el interior de Maranhão en la primera mitad del siglo XX. El concepto de frontera proporciona la referencia más amplia para entender esa masacre.

Palabras clave: Memoria; Masacre; Pueblos Indígenas; Sociología de la venganza; “Sertões”.

Introdução

O massacre das populações indígenas no território brasileiro é um aspecto da própria constituição do país, em razão da ação de governos sob os diversos regimes políticos. Na Amazônia, por exemplo, decisões deliberadas provocaram uma radical

¹ Este estudo explora um massacre de uma aldeia Gamela ocorrido nos anos 1920 em Penalva/MA. O massacre dos Gamelas está registrado em “Terra Queimada”, livro de memórias de Bento Mendes, primo do autor do massacre. Além do massacre o livro revela um rico panorama da vida nos sertões maranhenses na primeira metade do século XX. Estes demais aspectos são úteis para compreender o massacre na medida em que descortinam o pano de fundo cultural para que as noções de vingança, honra e justiça sirvam como mecanismo analítico. O conceito de Fronteira fornece a moldura mais ampla para a compreensão do massacre.

² Professor de Sociologia e Sociologia da Educação na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL).

transformação demográfica da população regional com movimentos concomitantes de redução e recomposição étnica que refletia especialmente a eliminação física das populações indígenas e ocupação do território por diversos segmentos da nascente nacionalidade brasileira (MOREIRA NETO, 1988). Mais recentemente existe documentação abrangente de ações do Estado brasileiro resultando na continuação da tomada de território, desestruturação social e cultural e eliminação de populações indígenas, notadamente durante o regime militar (VALENTE, 2017). Uma categoria ampla disponível para interpretar este traço da formação brasileira é a fronteira, entendida como encontro de alteridades que refletem concepções de humanidade e de destino que se relacionam em formato de colisão, frequentemente com violência (MARTINS, 2014).

Esta constante da história brasileira é fartamente documentada; incluindo o registro por parte dos agentes das ações de massacres indígenas, que também são diversos, sendo alguns agentes coloniais, outros oficiais de um Estado Nacional, ou indivíduos e organizações civis. Parte considerável do registro do massacre indígena, entretanto, e notadamente para o último grupo, é mantida e conservada através da memória oral, transmitida como feitos de antepassados familiares ou de personagens que, por vezes pela violência contra os índios, ganham vulto na rememoração de algumas localidades.

Mais difícil, no entanto, encontrar registros escritos destas experiências de violência assassina por parte de particulares. Este trabalho faz uma análise deste relativamente raro tipo de registro estudando as memórias do empresário maranhense Bento Mendes (MENDES, [s. d.]), que cobrem as primeiras cinco décadas do século XX, onde descreve sua trajetória desde a infância, nos sertões da cidade de Penalva/MA, até sua consolidação como prestigiado empresário do setor exportador em São Luís/MA. Dentre os episódios descritos em seu livro de memórias há um massacre contra indígenas na década de 1920, liderado por um primo do autor.

Na próxima seção apresentamos o livro de memórias de Bento Mendes e sua narrativa. Em seguida, caracterizamos a vida de Bento Mendes nos sertões de Penalva/MA. Depois tentamos identificar o tempo em que ocorre o massacre dos Gamelas e suas vítimas. No momento seguinte acompanhamos como Mendes narra a memória do massacre de uma aldeia indígena em sua cidade natal. Em sequência apresentamos reflexões sobre a dinâmica sociológica subjacente ao massacre e concluímos com algumas considerações finais.

Memória de um livro e seu autor

Bento Mendes nasceu no município de Penalva, no interior do Maranhão, no ano de 1906 e faleceu no ano de 1985. Sua trajetória, do nascimento a condição de empresário exportador prestigiado foi registrada em livro de memória. Seu primeiro livro descreve a viagem aos Estados Unidos entre junho e setembro de 1951 e foi publicado em 1952 com o título “Um sertanejo em New York”. No ano seguinte Mendes publica as memórias de sua trajetória de vida em um volume chamado “Terra queimada”. Sua obra inclui ainda outro livro de título “Terra batida”.

Aqui analiso o segundo título em função de um episódio nele registrado que é revelador de como a violência foi uma via constante para a relação das populações sertanejas com as populações indígenas. Utilizo o texto de Mendes em sua segunda edição, publicada pelo SENAI maranhense, edição que foi publicada sem ficha catalográfica e sem indicação do ano. Pode-se, no entanto, afirmar que a edição foi publicada após o falecimento do autor, pois a data deste evento é registrada em uma das apresentações da edição do livro assinada por Alberto Abdalla, então presidente da Federação das Indústrias do Maranhão.

Uma análise destas apresentações do livro serve como um indicativo do prestígio acumulado por Mendes. Uma das orelhas do livro é assinada por Benedito Buzar, intelectual notabilizado por sua história das disputas políticas no estado no período que, em função do domínio do grupo liderado por Vitorino Freire sobre o campo político maranhense, é conhecido como “vitorinismo”. Além de intelectual, Buzar também foi participante das disputas políticas, chegando a ser eleito deputado estadual, tendo seu mandato cassado em 1964. Apesar deste revés, durante o período de domínio do ex-presidente José Sarney, Buzar teve diversas passagens como secretário nas administrações estaduais e nas administrações da capital. Foi ainda professor universitário e desde 1990 é membro da Academia Maranhense de Letras.

No curto espaço de uma orelha do livro, Buzar mobiliza seu prestígio de historiador para salientar a imagem de Mendes como empreendedor audacioso e consagrado. Inicia apontando que “vale a pena registrar que Bento Mendes, em 1951, pela relevante posição conquistada como exportador de óleo [de babaçu] para o mercado internacional foi convidado por firmas americanas a visitar os EUA”, experiência que renderia o primeiro livro de memórias de Mendes. Buzar também

assinala que Mendes ampliou seus negócios nos anos 1960, época “considerada de ouro para a economia maranhense”.

Entre os negócios iniciados por Mendes Buzar aponta uma fábrica de arroz na cidade de Pindaré-Mirim, uma empresa agrícola em Itapecuru-Mirim (Agro Mendes), na cidade de São Luís adquiriu a Indústria Gandra, que fabricava sabão e velas, implantou uma fábrica de óleo (transferida do Rio de Janeiro), e abriu a Construtora Mendes, além de ampliar seu empreendimento no setor de aviação (iniciado após a viagem aos EUA) que deixa de ser a empresa Estrela Matutina para ser a Taxi Aéreo Xavante.

Alberto Abdalla foi um dos três presidentes da história da Federação das Indústrias do Maranhão e líder de diversas organizações de representação empresarial no Maranhão. Sua apresentação de Mendes tem o título de “por um bento propósito” e, ao contrário de Buzar, não foca as realizações de Mendes, mas as suas qualidades pessoais que resultam na capacidade de realizar aqueles empreendimentos.

Para Abdalla, Mendes foi “figura das mais extraordinárias da classe empresarial maranhense” e “personifica a perseverança de vencer na vida, (...), começando quase do nada para ascender à galeria de honra dos nomes mais expressivos do setor (industrial)”. As qualidades morais de Mendes são reveladas, nota Abdalla, em sua resoluta recusa em criar gado em função de “uma promessa feita, lá com seus botões, quando cativado por uma paixão de adolescência, sentiu-se responsável por um episódio de grandeza sublime e forte sentimento”.

O episódio a que se refere Abdalla está registrado no capítulo “A ferra”, onde Mendes descreve a importância do período em que as fazendas necessitavam ferrar o gado, atividade que demandava intenso trabalho, para o qual atraía peões de outras fazendas reunindo grande quantidade de pessoas e transformando o trabalho em espécie de festival lúdico em que os trabalhadores também buscavam prestígio com demonstrações de coragem no enfrentamento dos bois mais bravos em uma espécie de tourada sertaneja.

No capítulo, Mendes descreve sua experiência como peão, ainda na adolescência, em que temerariamente foi à arena enfrentar o animal mais temido da fazenda como reação à desilusão amorosa de não poder ser correspondido pela filha do patrão. Atingido pelo animal, mas não de maneira mortal, Mendes foi retirado sangrando da contenda com o touro Rochedo. A moça pretendida, sabendo ser o motivo de Mendes enfrentar o animal, teria sofrido forte abalo com a cena e não conseguiu se

recuperar, vindo a falecer do coração alguns dias depois. Mendes revela: “[esta] é a razão de eu não ter criação de gado. Não posso ver uma fazenda de perto” (MENDES, [s. d.], p. 26).

Outra apresentação é assinada pelo jornalista Herbert de Jesus Santos. Santos tem respeitável obra literária e estudos sobre a história popular de São Luís. A abordagem de Santos ao livro de Mendes é a mais singular das três apresentações assinadas, pois sua ênfase está na linguagem do livro, reveladora da personalidade do autor forjada nos sertões maranhenses. Segundo Santos, Mendes “pediu logo na edição primordial (...), em 1953, que os editores seguissem ao pé da letra a sua escrita de homem que só tinha o primário’. Assim, Santos louva que na segunda edição “seus novos editores limitaram-se apenas a dar moderna roupagem gráfica ao trabalho de uma vida que, a olho nu, é um livro aberto”. Assim, esta edição teria guardado “total fidelidade à primeira edição onde se sobressaem, entre outras grandezas que dão o ar de sua graça, os “cochilos ortográficos” do autor”.

Em conjunto, as apresentações de cada uma destas três personalidades, inseridas nos campos da política, da economia e da cultura, fazem um retrato de Mendes como criador de empresa, de personalidade cativante e arrojada e como dono de prosa autêntica é muito conforme a brevíssima descrição, feita em 2012, pela Assembleia Legislativa ao apresentar Mendes como uma das quatrocentos personalidades agraciadas com a Medalha de Comendador do IV Centenário de São Luís, por sua contribuição para a história da cidade: “Bento Mendes, empresário e escritor. Pioneiro do setor industrial de oleaginosas (em memória)”³.

Memórias de um sertanejo

Terra Queimada é um livro pequeno, contendo apenas 91 páginas, com 48 capítulos breves ou brevíssimos nos quais Bento Mendes descreve sua trajetória registrando em episódios que marcam sua vida diversos aspectos da realidade social e cultural dos sertões maranhenses e da própria São Luís.

Assim, por exemplo, temos mostra da valorização e as enormes dificuldades para a escolarização das crianças no sertão (capítulo “o colégio da roça”), os hábitos de trabalho comunitário para auxílio de construção de casa de um vizinho com as oportunidades de namoro entre jovens casais durante o trabalho (“coberta da casa do

³ Alema: Veja a lista dos homenageados com a Medalha do 4º Centenário. In: <http://www.al.ma.leg.br/noticias/20743>

sertanejo”), cuidados paternos com a reputação das filhas (“o facão que cheira sangue”), técnicas e hábitos de caça (“a caçada”), a cultura de valentia entre os homens (“medroso valente”), aspectos dos papéis de gênero na relações conjugais no período, geralmente a partir de exemplo do próprio casamento de Mendes (muitos capítulos tratam disto, mas talvez o mais interessantes a este respeito seja “feitiço contra feiticeiro”).

Quando uma filha de Mendes apresenta como se fosse uma carta que acabara de receber de um namorado uma carta que na verdade Mendes escrevera para a esposa assim que a conheceu, e a filha pede conselho se fica bem uma moça de família responder carta tão ousada), o impacto da chegada de produtos tecnológicos da época na imaginação dos sertanejos (“criou lenda”), a relação de agentes econômicos do sertão com os órgãos de fiscalização e arrecadação do Estado (“o fiscal e o leproso”), o ponto de vista de um grande empresário, o próprio Mendes, sobre a greve da 51 (“a greve do Maranhão”), além de outros assuntos.

O primeiro capítulo é um modelo da proposta do livro em ser um relato da trajetória de Mendes a partir dos sertões de Penalva, pois nele descreve sua primeira viagem a São Luís, aos 16 anos, em 1921. Mendes viajou na segunda classe, “onde ficavam as máquinas, junto com os montes de lenha, porcos e galinhas” (MENDES, [s. d.], p. 11). Saiu de Penalva às 03:00 do dia 17 de junho. Chegou em São Luís dia 20, às 15:00.

Mendes mostra como sua estada na cidade revelava admiração e inadequação sistemática a ações ordinárias da vida urbana. Assim, diz ele: “quando vi o primeiro automóvel fiquei embasbacado cheguei a pensar que aquilo era bicho ideal para pegar boi no sertão” (MENDES, [s. d.], p. 12). Outro exemplo: ao se aventurar em um bonde elétrico pela cidade, não sabe como funciona o serviço, mas observa que o cobrador estende a mão a um passageiro que entrega o dinheiro da passagem e diz “Gonçalves Dias”. Sem entender que “Gonçalves Dias” era o nome da praça onde o passageiro desceria, quando o guarda lhe estende a mão, Mendes entrega-lhe certa quantia e acrescenta: “Bento Mendes”, pois entendera que deveria anunciar seu nome ao pagar a passagem.

A conclusão bem-humorada deste primeiro capítulo é típica do que acontece em quase todo o livro, pois nos diz como ficou encantado com o sabor gelado do picolé, iguaria que conhecera pouco antes de embarcar de volta para Penalva. Entusiasmado, compra uma dúzia, para levar para os parentes provarem e guarda embrulhado na mala. Na chegada, dois dias depois, vai abrir a mala encontra apenas os palitos. Revoltado, vai

reclamar com o comandante que alguém lhe roubou os picolés e ainda por cima mijou nas suas roupas...

Em relação a suas origens, Mendes consegue indicar um momento inaugural, por assim dizer. Ele relata: “fui nascido e criado em uma pequena Colônia no Município de Penalva, uma das menores cidades do Estado do Maranhão” (MENDES, [s. d.], p. 11), e mais adiante; “nossa Colônia foi fundada em 1904 pelo meu tio Antônio Mendes, irmão do meu pai, homem muito trabalhador. (...). Deu-lhe o nome de Colônia de Faveira, por ficar perto de um rio de mesmo nome” (MENDES, [s. d.], p. 15).

O pai de Mendes (não nomeado) faleceu em 1913, quando ele tinha apenas sete anos. A mãe (não nomeada) ficou com oito filhos menores e precisou “assumir a direção dos serviços”: “costurava dia e noite para a caboclada, que pagava o feitiço das roupas em serviço na nossa roça” (MENDES, [s. d.], p. 15). A mãe também intervém com o tio Antônio Mendes, o fundador de Faveira, para a providência de um professor para iniciar a escolarização das crianças da colônia. Um dos professores, entretanto, revelou problemas com alcoolismo e outro fazia os alunos trabalharem em sua roça. Ante estas experiências fracassadas com os professores em Faveiro a mãe envia Mendes para a casa de um compadre na cidade de Penalva para melhores oportunidades escolares. Sem grande vocação para os estudos Mendes volta para Faveiro aos 15 anos e “aí peguei no duro trabalhando na roça” (MENDES, [s. d.], p. 16).

O trabalho na roça da família, entretanto, não foi suficiente, pois:

Depois de um ano de crise a nossa situação financeira era péssima. A seca foi forte, a roça não deu nada. Por isso saí à procura de serviço. Consegui um emprego em uma fazenda. (...) O meu serviço, no começo, foi tirar leite e fazer fumaça para o gado. A fumaça é muito usada nos campos de criação do Maranhão para afugentar a mutuca. Com o decorrer dos dias, procurei aprender a laçar e derrubar uma rês montado a cavalo. (MENDES, [s. d.], p. 21)

Foi neste trabalho que Mendes participou da tragédia citada por Abdala em sua apresentação da segunda edição de “Terra queimada”. Aparentemente Mendes deixa o trabalho na fazenda após o evento trágico e volta a trabalhar na roça da família. Não há indicação de quanto tempo durou o trabalho como peão.

A passagem de Mendes para as atividades comerciais tem uma relação direta com o evento que interessa neste estudo, pois segundo ele:

Um mês depois [de um baile em uma localidade nas proximidades de Faveira], os índios atacaram uma povoação vizinha da nossa, de nome Timbira. Mataram

nove pessoas, inclusive uma criança de um ano⁴. Eu fui ver a carnificina. Fiquei horrorizado. Minha mãe, já viúva, ficou com medo. Por isso nos mudamos para cidade de Penalva. (MENDES, [s. d.], p. 31)

O tempo das memórias

Mendes não indica quando “os índios” atacaram. Provavelmente aconteceu nos anos 20, pois Mendes fez 18 anos em 1924 e em dado capítulo diz o seguinte: “com 18 anos, comprei, com luta e sacrifício, um poltro, filho de cavalo, a que dei o nome de Saracura. Desse dia em diante, Saracura passou a fazer parte da minha vida”. Mais adiante ele vai nos dizer: “quando mudei dos centros de lavoura para a cidadezinha de Penalva, levei Saracura” (MENDES, [s. d.], p. 80)

Quando a mãe de Mendes leva a família para a cidade de Penalva por medo “dos índios” revela que disse para a mãe “que queria voltar para o centro, experimentar a vida do comércio”, o que faz, intermediando as trocas entre produtos da cidade e da roça: “comprava o gênero durante as semanas e aos domingos eu ia vender na cidade, que fica a 8 léguas de distância” (MENDES, [s. d.], p. 31). Este “centro” seria a localidade de Capivary, onde morava uma irmã de Mendes – provavelmente a irmã casada com Hilário Costa, o caçador afamado que lhe ensinou a caçar, como conta no capítulo em que relata o episódio em que lutou com uma onça pensando se tratar de um veado (MENDES, [s. d.], pp. 19–20).

Em outro momento Mendes diz: “depois de dois anos de negócio no Capivary me deu vontade de negociar na cidade. (...). Acabei com a barraca, me despedi da minha irmã e fui para a cidade de Penalva” (MENDES, [s. d.], p. 35). Então, os eventos com os índios certamente ocorreram nos anos 1920, pois Mendes dá a entender que inicia o comércio em Capivary no mesmo ano, não especificado, dos eventos com os índios. Como ele comprou o cavalo em 1924, provavelmente em Capivary, estes eventos devem ter acontecido em 1923 ou 1924, pois não sabemos se a compra do cavalo se deu no primeiro ou no segundo ano de sua estada em Capivary.

“Os índios”

Mendes diz que “os índios” atacaram. Índios genéricos que não consegue ou, se consegue, não tenta identificar quando lembra estes eventos de 1923 ou 1924. A memória de Mendes se contenta com esta generalidade: “os índios”. No entanto, se

⁴ Mais adiante, no capítulo em que trata detidamente deste episódio e suas consequências Mendes vai dizer que a criança tinha dois anos.

olharmos, por exemplo, o “Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes”, publicado por Kurt Nimuendajú, cuja primeira edição é publicada em 1944, veremos que para a região de Penalva aquele pesquisador assinala a presença dos índios de etnia Gamela (NIMUENDAJÚ, 2017).

Penso que “os índios” de Mendes sejam da etnia Gamela, visitada por Nimuendajú nos anos 30 (NIMUENDAJÚ, 2017, p. 29). Tanto mais que os Gamela ainda estão na região de Penalva⁵ e continuam sofrendo ataques violentos⁶.

Memórias do General

Mendes volta a lembrar do ataque dos índios ao apresentar seu primo João Mendes, fazendo constar que se trata do “filho do irmão do meu pai” – suponho que se trata de Antônio Mendes, o fundador de Faveira. Sobre este primo Mendes conta duas histórias. A segunda história é que nos interessa. Mendes inicia com cuidados: “como meu primo não pertence mais ao mundo dos vivos, vou contar a história do ataque de aldeia de índios brabos. Caso ele fosse vivo, não contaria porque sei que é proibido mata índios e assim ia lhe incriminar” (MENDES, [s. d.], pp. 60–61).

A história que Mendes conta é da reação ao ataque dos índios à povoação vizinha chamada de Timbiras (MENDES, [s. d.], p. 31), que resultou na morte de nove pessoas, “inclusive uma criança de dois anos” (MENDES, [s. d.], p. 61). A morte desta criança parece significativa para o modo como o evento foi recebido pelos moradores de Faveira e de Timbira, mais ainda porque “(o) cadáver deixaram em cima da própria mãe” (MENDES, [s. d.], p. 61).

João Mendes foi até Timbiras, a localidade onde os índios atacaram, e ali viu os corpos das vítimas. Durante o enterro viu seu primo João Mendes fazer o seguinte discurso:

Homens de Timbiras, homens de Faveira, esta criança de dois anos que foi morta atravessada por uma lança traiçoeira, manejado pelos índios covardes, que só atacam à traição, apresenta o semblante de quem está pedindo vingança. Seremos também covardes, se não procurarmos vingar. Sei que existe uma lei que protege os índios, porém assumirei toda a responsabilidades. Para essa missão convido todos aqueles que prezarem o nome de homem para uma

⁵ A cidade de Penalva está na região da Baixada Maranhense.

⁶ Como o ataque ocorrido em abril de 2017 na cidade de Viana, que teve ampla repercussão nacional. Ver, por exemplo, a reportagem assinada por Carolina Linhares e Thaís Bilenky para a Folha de São Paulo em 01/05/2017: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/05/1880160-ataque-deixa-mais-de-dez-indios-feridos-e-com-maos-decepadadas-no-ma.shtml>

reunião em minha casa, domingo próximo, para tratarmos do assunto” (MENDES, [s. d.], p. 61)

Mendes diz que no dia marcado a casa de João Mendes estava repleta de homens que responderam a seu chamado. Nesta reunião João Mendes organizou uma expedição de vingança “escolhendo os homens de menos de cinquenta e mais de vinte anos⁷, perfazendo sessenta e quatro pessoas o grupo” (MENDES, [s. d.], p. 61). Continua dando detalhes da expedição: “só vinte e dois levavam rifles, o restante apresentava espingardas primitivas carregadas pela boca e nenhum deles sabia onde ficam a aldeia dos índios” (MENDES, [s. d.], p. 61).

João Mendes, entretanto, sugere que a expedição procure a aldeia Gamela na margem direta do Rio Tury. Ao avaliar as habilidades do primo, Mendes diz que “João Mendes embora fosse quase analfabeto, era dotado de inteligência viva e grande coragem. Se tivesse entrado para o exército teria dado um bom general” (MENDES, [s. d.], p. 61). Oito dias depois, conforme o combinado, a expedição estava pronta para partir:

Cada homem levaria três quilos de carne seca, oito de farinha, um litro com água e algumas doses de quinino, cinco caixas de fósforos, cigarros, meia garrafa de álcool, pano velho para ataduras se fosse preciso, um maço de velas, bastante pólvora e chumbo. E os que tinham rifles, dez caixas de balas, um facão de caçada, uma foice, duas mudas de roupas. Rede não constava da lista, pois dormiriam em camas improvisadas de juçareira, uma panaca feito de pindoba com aspecto de cofo para servir de mochila (MENDES, [s. d.], p. 61).

Na véspera da partida houve ladainhas, “e muito choro se ouviu na hora da despedida” (MENDES, [s. d.], p. 61). Neste ponto da narrativa Mendes faz uso de um recurso tipicamente literário emprestando a voz narrativa para seu primo João Mendes que passa a ser o narrador. Mendes prepara seu leitor assim: “vejamos como se deram as coisas, tal como me foi contado pelo próprio João Mendes e confirmadas por mais alguns: disse-me primo João: saímos às oito da manhã, andamos o dia todo...” (MENDES, [s. d.], pp. 61–62).

A expedição alcança o Rio Tury no segundo dia. Muitos dias seguiram e João Mendes confessa: “no décimo primeiro (dia) comecei a me preocupar, pois, a carne seca estava acabando, meus homens começavam a ficar calados, havendo uns três com pés inchados” (MENDES, [s. d.], p. 62).

⁷ Bento Mendes ainda não estava entre os homens que contavam com mais de vinte anos.

No décimo quarto dia encontram sinais da proximidade da aldeia (um cipó recém cortado e uma cuia suja de mingau insosso). Então João Mendes diz o seguinte para seus comandados:

Neste momento olhei firme para todos, notando um certo nervosismo em alguns. Falei, então, com energia, esclarecendo que o homem que na hora H esmorecesse eu o mataria. Pedi a todos que na hora do ataque levassem seus pensamentos para a criança atravessada com a lança. Desse pensamento virá o ódio, pois é do ódio que nasce a coragem (MENDES, [s. d.], p. 63).

Ainda sem saber qual a direção da aldeia, o grupo aguarda até a noite, quando, ouvindo o som de tambores, conhecem a direção a seguir. Ao amanhecer, João Mendes pede que seus comandados aguardem enquanto tenta se aproximar da aldeia para ter uma ideia do que como organizará o ataque. Encontrando um poço, uma espécie de piscina ele diz: “compreendi que era um dos pontos de banho, pensei em nos esconder na beira dessa fonte para pegar um índio à mão para torturar até colhermos uma informação, porém desisti da ideia, visto não entendermos a linguagem dos índios” (MENDES, [s. d.], p. 63).

Chamando os homens para próximo do poço João Mendes percebe, pelas pegadas, que um índio tinha saído da aldeia para a floresta e poderia voltar a qualquer hora. Em vista deste fato, decide que é o momento para o ataque, pois

Tenho certeza que está rondando a aldeia para assuntar alguma coisa, pois fazem poucos dias que eles nos atacaram, na certa estão com medo de uma desforra, e se for assim como eu estou pensando, na volta ele já vem sabendo que estamos aqui, pois o índio é o animal mais sagaz que pode existir (MENDES, [s. d.], p. 63).

Assim, João Mendes determina que um grupo de seis homens fica responsável por capturar este índio quando retornar da floresta enquanto os demais avançam para cercar a aldeia e atacá-la. Ao grupo de seis, ele dá as seguintes ordens: “quando o índio chegar não atirem, matem a facção, não quero que atirem para não despertar a aldeia, por favor não deixem escapulir vivo para não ir avisar a aldeia, até logo, boa sorte” (MENDES, [s. d.], p. 63).

Vale pena citar o fragmento inteiro que descreve o momento do ataque:

Como pensei aconteceu, porém houve um grave erro que ia estragando tudo, estávamos perto da aldeia, quando ouvimos três tiros atrás de nós, com os tiros ouvimos a zoadá na aldeia, gritei com voz de comando, preparem as armas para atacar, não esquecendo a lembrança do menino morto por estes bandidos, acabei de dar as ordens, compreendi que vinha um magote de índios em nossa direção,

como eles ouviram os tiros um pouco longe não contavam conosco perto deles, ordenei que todos procurassem se esconder na margem direita do caminho, que só atirassem depois de mim, eu fiquei na cabeceira dianteira, e quando veio chegando um magote de uns 40 índios, vindo na cabeceira o capitão guerreiro, eu me afobei atirei antes do tempo, mas foi porque eu queria matar o capitão, e esse foi o meu primeiro passarinho, aí o tempo fechou, cada tiro era um berro e uma queda, valia a pena se ouvir o pipocar dos tiros naquela mata escura; com uns três minutos cessou o fogo: do magote não tinha mais nenhum vivo, minha tropa toda pulava de alegria, puxei pelo facão, cortei o pescoço do capitão guerreiro, tirei uma orelha cuja trouxe comigo, provei o sangue do índio para sentir o gosto, me lembrei das mortes que os índios fizeram em Timbiras, a raiva aumentou, gritei para a tropa: me acompanhem, vamos invadir a aldeia, neste momento vejo um dos companheiros tremendo de medo, já esmorecido, de nome João Bandeira, eu levei o rifle em cima dele dizendo: vai morrer caboclo para não me dar trabalho, conta ele que esse caboclo deu um pulo dizendo: não me atire seu Mendes, que es estou tremendo é de raiva (MENDES, [s. d.], pp. 63–64).

A aldeia, porém, já estava vazia. O grupo que ficou no poção se junta aos demais e explica o que aconteceu para usarem a arma de fogo:

Não podemos pegar o índio à mão, pois tem um metro e 80 com quase um metro de ombro, vinha correndo, saltando e bufando com uma lança na mão, pois já tinha dado na nossa batida e vinha correndo avisar a aldeia, o jeito foi atirar, índio duro de morrer, foi preciso três tiros e na ocasião que estava morrendo, enrolou a lança de ferro, como quem enrola arame (MENDES, [s. d.], p. 64).

75

Vistoriando a aldeia, João Mendes diz:

Percorremos as choupanas que eram duzentas e poucas, todas só com uma porta, unidas formando uma grande roda, a casa grande do chefe no centro, um depósito de flechas, arcos, tacape, lanças etc. Estávamos para morrer de fome encontramos um forno de barro onde estavam mexendo farinha. Ordenei uma turma para mexer com a farinha que largaram no forno, outra turma para matar galinha e pato que tinha muito, as primeiras aves abatidas foram atiradas debaixo do forno com pena e tudo, depois de saubrecadas a gente comia escorrendo sangue, pois a fome era de três dias, essas aves eram abatidas a tiros (MENDES, [s. d.], p. 64).

No dia seguinte, ao amanhecer os índios atacaram o grupo de João Mendes, conforme ele diz: “no raiar do dia flecha saíam de todos os lados; na direção que vinham as flechas dávamos uma rajada de tiros, mas não víamos os índios, compreendi que estavam flechando de dentro da mata. Como o pátio era grande as flechas chegavam com pouca força” (MENDES, [s. d.], p. 65).

A troca de flechas e balas dura das seis às dez da manhã. João Mendes traça um plano de fuga: queimar a aldeia e correr em direção ao sol, pois este fornecerá o senso de direção durante a corrida pela floresta. Um dos homens havia sido atingido e é

carregado pelos demais: “corremos quase o dia todo de mata a dentro, eu na frente marcando o roteiro. Às quatro horas da tarde arreamos os ferros, não podíamos mais” (MENDES, [s. d.], p. 65).

Acamparam ao lado de um rio, preparam armadilhas, para o caso de sofrerem um ataque, “porém isto não aconteceu, suponho que matamos a maioria dos índios machos. E assim viemos vindo até chegarmos em nossas casas sãos e salvos. (...). E assim terminou o relato de um general do mato” (MENDES, [s. d.], p. 65).

Sobre o Massacre

Os eventos que Bento Mendes narra reunindo os homens de Faveira e Timbiras comandados por João Mendes são um massacre indígena. Trata-se da memória de uma expedição montada exclusivamente para assassinar um grupo indígena em um ato de vingança. A vingança é invocada explicitamente por João Mendes em seu discurso ainda no enterro das vítimas de Timbiras.

Sabemos muito pouco sobre “os índios” de Mendes. Não sabemos, por exemplo, se as pessoas assassinadas pela expedição de João Mendes às margens do rio Tury foram as pessoas responsáveis pelo ataque em Timbiras, pois não sabemos quantas aldeias havia nas proximidades de Timbiras ou Faveira.

Por outro lado, vale a pena pensar sobre este massacre como vingança, pois a vingança é uma relação de reciprocidade, conforme o ciclo maussiano de dar, receber, retribuir. Entretanto, Mauss (2003) pensou este ciclo do ponto de vista do dom, ou seja, da troca de presentes, uma troca positiva. A vingança, por seu turno, é o ciclo de reciprocidade negativa. Entre outros aspectos, a diferença entre o ciclo positivo, do dom e o ciclo negativo, da vingança, é a estrutura temporal. O dom é um presente antecipado no conjunto de trocas em uma relação que se pretende manter, uma relação frutífera. A vingança é a retribuição a um ato, violento ou não, já praticado que se pretende retribuir e superar, uma relação destrutiva (ANSPARCH, 2012).

Além disso, a vingança é um fenômeno presente entre as culturas ameríndias (PALACIOS JR., 2019). Resta, entretanto, saber que ato os Gamelas estariam retribuindo ao atacar os moradores de Timbiras? A resposta pode ser encontrada em Faveira, no relato de Mendes sobre sua fundação como obra de seu tio, mas também em outros relatos de Mendes.

No capítulo “Abandono à lavoura”, por exemplo, Mendes diz que “os lavradores do Maranhão são uns verdadeiros heróis. Vivem sem conforto, sem saúde, esquecidos

dos governos, e assim mesmo produzem para suprir o Estado, com sobras para exportação” (MENDES, [s. d.], p. 51). Após este arrazoado Mendes elabora um plano, que, apesar de longo, vale a pena citar na íntegra, pois ele me ajuda e perceber os atos em Timbiras da perspectiva dos Gamela:

Hoje sou comerciante na Capital, estando a minha firma em terceiro lugar na exportação do Estado, porém, se tivesse ajuda do Governo, largaria tudo, para fundar a chefiar uma Colônia em lugar que tenho em mente, escolhido no Município da minha cidade de Penalva. O lugar por si só, já é encantador. Fica nas margens de um lago de nome Formoso, no coração da mata virgem. Até o momento é frequentado só pelos caçadores. De um lado fica a pura mata, do outro, léguas e léguas de palmeiras de babaçu. Dentro desse misterioso lago há uma ilha flutuante, que gira de acordo com o vento. Em uma das minhas caçadas cheguei a admirar essa maravilha.

Meu plano seria levar umas quinhentas famílias dessas que vivem nas cidades ganhando um magro salário. Acredito que esse salário só sirva para estragar o indivíduo, transformando-o em tuberculoso ou ladrão. Construiria as casas na margem do lago, fazendo um hotel de madeira na pequena ilha flutuante para atrair turistas. Estes iriam, com certeza, dada a beleza do panorama. Infelizmente este meu sonho não será realizado. Porque os nossos desprezam o que há de mais nobre (MENDES, [s. d.], p. 51).

Este tipo de vislumbre (mais que um projeto) de colonização das matas dos sertões de Penalva, ainda nos anos 50, quando da publicação da primeira edição do livro, talvez tenha sido o mesmo que levou o tio de Mendes a fundar Faveira em 1904. Muito provavelmente Antônio Mendes comandou a ocupação de Faveira pensando naquela área como espaço desperdiçado, inexplorado, vazio. Mas sabemos que Faveira, Timbiras, e muitos outros núcleos de ocupação dos sertões de Penalva não eram espaços vazios, eram espaços dos Gamela. Penso que o ataque dos Gamela a Timbiras nos anos 20 pode ser compreendido como um ato de vingança, ou seja, um gesto de reciprocidade negativa contra os grupos que avançavam sobre seu território.

De maneira mais geral, a fundação de Faveira por Antônio Mendes, no início do século XX, e uma eventual implantação das ideias de Mendes para colonizar a área do lago Formoso nos anos 50, tem em comum o fato de que participam de um lento e amplo processo chamado de Fronteira.

Concordo com Martins (2014) que a Fronteira é o lugar da alteridade. Para este autor a Fronteira no Brasil é caracterizada pelo conflito e é, por isto, “um lugar de descoberta do outro e de desencontro” (MARTINS, 2014, p. 133), coisa que se apreende, por exemplo, no fato de que:

Entre 1968 e 198, diferentes tribos indígenas da Amazônia sofreram pelo menos 92 ataques organizados, (...). Por seu lado, diferentes tribos indígenas realizaram pelo menos 165 ataques a grandes fazendas e alguns povoados, entre 1968 e 1990” (MARTINS, 2014, p. 132).

Este desencontro “é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história” (MARTINS, 2014, p. 133) e “só deixa de existir quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o *outro* se torna a parte antagônica do *nós*. Quando a história passa a ser *nossa história*” (MARTINS, 2014, p. 134).

Numa recensão do modo com as ciências sociais brasileiras trataram o avanço da fronteira, Martins resgata a contribuição dos geógrafos com o conceito de frente pioneira e o trabalho dos antropólogos com os conceitos de frente de expansão. O que os geógrafos viam na fronteira era a contínua apropriação do território por agentes econômicos modernos. Os antropólogos estavam observando a acomodação demográfica que estava à frente do avanço destes agentes econômicos modernos, o que é sumarizado da seguinte forma:

É possível assim, fazer uma primeira datação histórica: adiante da fronteira demográfica, da fronteira da “civilização”, estão as populações indígenas, sobre cujos territórios avança a frente da expansão. Entre a fronteira demográfica e a fronteira econômica está à frente de expansão, isto é, a frente da população não incluída na fronteira econômica. Atrás da linha de da fronteira econômica está a frente pioneira, dominada não só pelos agentes da civilização, mas, nela, pelos agentes da modernização, sobretudo econômica, agentes da economia capitalista (mais do que simplesmente agentes da economia de mercado). Da mentalidade inovadora, urbana e empreendedora. Digo que se se trata de uma primeira datação histórica porque cada uma dessas faixas está ocupada por populações que ou estão no limite da história, como é o caso das populações indígenas, ou estão inseridas diversamente na história, como é o caso dos não-índios, sejam eles camponeses, peões ou empresários (MARTINS, 2014, p. 138).

Utilizando esta ideia de Martins pode-se perceber que a ascensão de Mendes representa um recuo nas linhas da Fronteira. Mendes inicia sua trajetória em uma família de camponeses em Faveira em 1904. Ao trabalhar como peão assalariado na fazenda onde enfrenta o touro Rochedo, já está em contato, embora subordinado, com a cadeia de trocas da fronteira econômica. Ao iniciar suas atividades em Capivary ele já é um agente comercial, mas não capitalista. Esta condição ele parece atingir quando vai a Penalva e começa a articular diretamente com fornecedores de São Luís. Mais tarde Mendes torna-se um agente de modernização com seus empreendimentos de exportação, industriais, de aviação etc.

Sobre este último aspecto, pode-se dizer que Mendes chega a intuir e incorporar em ações práticas a ideia de virtude utilitária que Max Weber encontrou em Benjamim Franklin (WEBER, 2004). É o que Mendes mostra quando relata que:

Para proteger meu dinheiro, costumava fazer reuniões em minha casa com as pessoas a quem eu fornecia mercadorias e dinheiro para comprar gêneros. A todos eu aconselhava como deviam proceder. Dizia-lhes sempre que se um dia visse um deles bêbedo, cortaria as transações. Por isso ainda hoje, há alguns que bebem escondidos de mim. Nessas reuniões, sempre aos domingos, todos almoçavam comigo (MENDES, [s. d.], p. 38).

Talvez seja este progressivo recuo de Mendes para trás da linha de fronteira até a condição de agente de modernização que explique o porquê de, ao escrever estas memórias, como empresário consagrado, nos anos 50, não seja capaz de determinar a etnia dos “índios”.

Voltando para a discussão do massacre praticado por João Mendes a partir da ideia de Fronteira apresentada por Martins, vale considerar algumas observações em que Mendes contrasta a cidade e os sertões. Mendes faz uma oposição explícita entre os seus sertões e a civilização ao sintetizar o desenlace do leilão de um beijo ofertado por uma professora que foi a um festejo de Santo Antônio sem levar uma joia (uma doação) para o leilão do santo. Um caboclo venceu o leilão após acirrada disputa:

Para espanto de todos, o caboclo disse: “Sinhazinha, não quero o beijo para mim, quero para meu filho” (...). Os aplausos e as palmas choeram. A moça beijava o menino com tanta emoção, que as lágrimas desciam dos olhos. Foi a joia mais cara que o Santo ganhou nesse ano. Se isso fosse num meio civilizado, talvez não tivesse terminado dessa maneira (MENDES, [s. d.], p. 54-55).

Isto está muito conforme um julgamento constante de Mendes de crítica sobre a vida urbana, civilizada, individualista. Estas críticas aparecem de forma mais cristalina no capítulo chamado “A cidade e o sertão”. Ali ele diz que “o lavrador vive como um jardineiro em um eterno piquenique” (MENDES, [s. d.], p. 52) e que “embora não acreditem, afianço que a vida da roça é boa” (MENDES, [s. d.], p. 53). A superioridade da vida sertaneja estaria mais visível ante a doença e a morte:

O sertanejo quando adocece, mesmo sem médico, sente-se confortado. A casa se enche dos vizinhos, para prestarem auxílio à família. Uns ensinam remédios, outros ajudam os serviços da casa. Quando na casa do doente não há o que comer, os vizinhos dão. Se o doente morre, aí é que as coisas mudam. A casa fica superlotada. À noite, na sentinela, há café com bolo, e às vezes jantar para todos. Geralmente a casa não comporta o pessoal. Botam-se bancos no terreiro. O defunto é posto no meio da casa, as velhas reunidas falam da vida alheia, os brotos namorando, os homens fumam e falam sobre as boas qualidades do

defunto, ou sobre os seus roçados. O carpina serra tábuas de pararauta, fazendo o caixão, para ser coberto de pano preto enfeitado com cadarço branco. No dia seguinte, na hora do enterro, vêm os donos do defunto apoiados em outras pessoas, chorando, se lamentando, soltando lágrimas sentidas. Sai o caixão, amarrado em um comprido pau. Um homem mete o ombro, na frente, outro o faz atrás. Saem correndo, no rumo do cemitério. Muitos outros vão atrás ajudar. E assim vai um sertanejo amigo, para numa mais voltar. (...). Nas cidades é diferente. Se o defunto não for bem relacionado, vai só para o cemitério. Sendo assim, até a morte do sertanejo é alegre (MENDES, [s. d.], p. 53).

Esse senso de distanciamento da “civilização” é reforçado por outros traços da vida sertaneja, alguns encarnados na figura de João Mendes. Já disse que Mendes conta duas histórias a respeito do primo, a segunda é o massacre que vingou o ataque a Timbiras, a primeira é sobre como o primo lutou com seus três cunhados após agredir a esposa. Após cortar a mão de um dos cunhados que o cercava, o primo “viu sangue, apanhou a mão do inimigo, chupou-lhe o sangue, ficando doido, intimidando os dois para largarem as armas e lutarem de facão, porque as balas estavam caras” (MENDES, [s. d.], p. 60).

Ao sorver o sangue do inimigo João Mendes rompe um tabu. Importante lembrar que ele repete o ato no ataque à aldeia Gamela. Não há uma palavra de Mendes de repreensão à ferocidade do primo. Provavelmente este silêncio seja produto de uma concepção da violência como indício de virtude masculina entre os sertanejos. O próprio Mendes mostra isto ao contar sua experiência em uma viagem por um lugar conhecido por ataques aos passantes. Ao aparecer um estranho solitário pela estrada pedindo um cigarro Mendes entende que deve mobilizar armas e ameaças para interagir com o homem, que não se abala e com uma faca na barriga de Mendes cobra que cumpra a ameaça: “atira caboclo, se tu tens coragem”; ante o recuo de Mendes o desconhecido aconselha: “menino, não se atreva mais a mostrar valentia para um homem que não conhece” (MENDES, [s. d.], p. 34).

É a ideia de honra que subjaz a esta ética que sustenta a violência como virtude exibida na forma de ameaça ou na forma de prática. Robert Muchembled, ao tratar do espriamento da do senso de honra cavaleiresca para além das castas nobres esclarece que “existe também uma honra dos pobres e dos humildes, ligada à noção de vergonha, vingança, de afirmação de si e dos seus, face ao olhar coletivo dos outros” (MUCHEMBLED, 1992, p. 49).

A ferocidade de João Mendes, portanto, não recebe senões nas páginas de Mendes porque talvez esteja num horizonte cultural onde a vingança não está reprimida pela presença do Estado como instância monopolizadora da violência.

Assim, a vingança pode legitimamente avançar rumo ao massacre justo (KATZ, 2013), ou seja, rumo a matança que tem um motivo justo, ao menos para quem a praticou. Katz, entretanto, trata do assassinato individual, não do massacre coletivo. Todavia, sua ideia de que as pessoas que praticam assassinato frequentemente elaboram razões para tornar seus atos justos encontra paralelo na ideia de que os massacres, ou seja, o extermínio coletivo, resultam de uma elaboração ideológica e de artifícios intelectuais (SÉMELIN, 2009).

Foi visto que o massacre dos Gamelas aqui estudado tem origem no apelo à vingança que João Mendes dirige aos homens de Timbiras e Faveira durante o enterro das vítimas em Timbiras (MENDES, [s. d.], p. 61). Este discurso apela explicitamente à vingança e faz subtender nesta vingança o sentimento de honra. Se a vingança obedece a uma lógica de retribuição a um ato (ANSPARCH, 2012), a violência mobilizada pela honra atua mediante costumes constrangedores pois a lei da vergonha se impõe a todos (MUCHEMBLED, 1992).

Violência como honra, justiça, vingança: em todos estes casos resulta uma alteridade para funcionar como vítima. E nas páginas de Bento Mendes, João Mendes, um homem de ferocidade facilmente excitável, demonstra uma aguda consciência da alteridade Gamela que ele exacerba até que retroceda à animalidade.

81

Considerações finais

Aqui há uma reflexão que resulta do achado do precioso livro de memórias de Bento Mendes chamado “Terra queimada” cuja primeira edição é de 1953. O livro cobre um amplo conjunto de aspectos a vida sertaneja. O massacre dos Gamelas, no entanto, se destaca no conjunto das memórias de Mendes.

No estudo do massacre dos Gamelas fica evidente a relevância da vingança como mecanismo fundamental para compreensão do fenômeno seja no plano analítico de quem estuda o caso, seja no plano ético de quem perpetrou os atos de violência.

No plano ético a vingança se fundamenta no duplo esteio da justiça e da honra. Ambos encontram no horizonte cultural dos sertões o seu fundamento. Vale, entretanto, ressaltar, que estes sertões são o cenário da Fronteira processo mais global onde o massacre dos Gamelas é um exemplo do que significa a duríssima realidade do desencontro do outro.

REFERÊNCIAS

ANSPARCH, Mark. *Anatomia da vingança*: Figuras elementares da reciprocidade. São Paulo/SP: É Realizações, 2012.

KATZ, Jack. Massacre justo. In: COELHO, Maria Claudia (org). *Estudos de interação*: textos escolhidos. Rio de Janeiro/RJ: EdUERJ, 2013. p. 211–285.

MARTINS, José de Souza. *Fronteira*: A degradação do Outro nos confins do humano. 2. ed. São Paulo/SP: Contexto, 2014.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: ____ *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 183–314.

MENDES, Bento. *Terra Queimada*. 2. ed. São Luís/MA: SENAI Maranhão, [s. d.].

MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. *Índios da Amazônia*: De maioria a minoria (1750-1850). Petrópolis/RJ: Vozes, 1988.

MUCHEMBLED, Robert. Os humildes também. In: GAUTHERONM, Marie (org). *A honra*: imagem de si ou dom de si - Um ideal equívoco. Porto Alegre/RS: L&PM, 1992.

NIMUENDAJÚ, Kurt. *Mapa Etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. 2. ed. Brasília/DF: IPHAN, IBGE, 2017.

PALACIOS JR, Alberto Montoya Correa. *As guerras de vingança e as relações internacionais*: Um diálogo com a antropologia política sobre os Tupi-Guarani e os Yanomami. São Paulo/SP: Unesp, 2019.

SÉMELIN, Jacques. *Purificar e destruir*: O uso político dos massacres e dos genocídios. Rio de Janeiro/RJ: DIFEL, 2009.

VALENTE, Rubens. *Os fuzis e as flechas*: história de sangue e resistência indígena na ditadura. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2017.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2004.